

O receio do Diabo

Carlos Honorato, 7 de dezembro de 2016

Milton Friedman, o mais liberal dos liberais afirmou, certa vez, que se o estado fosse responsável pela gestão do deserto do Saara, em alguns anos iria faltar areia. Se ele conhecesse o Brasil e seu deplorável Congresso Nacional e seu condenável Palácio do Planalto, seguramente diria que além de faltar areia, os nobres políticos-engravatados dariam um jeito de ficar “devendo areia” para o resto do mundo (era só seguir o modelo de roubalheira-oficial desenvolvido na Petrobrás!). Bem, tem-se, portanto, que o Estado, especialmente o brasileiro, é especialista em “não fazer” e quando faz, “faz mal feito”, pois não passa de uma leptocracia propinocrática.

A solução dos liberais fundamentalistas, para quem Milton Friedman é o grande guru, advoga o “Estado Mínimo” ou “Estado guarda-noturno”, para que a iniciativa privada tome conta do mundo econômico. Stiglitz, um crítico destes fundamentalistas, argumentava que a solução liberal é equivocada, pois o próprio capitalismo necessita de um Estado suficientemente forte e inteligente (e isso é difícil!) para garantir o ambiente para que as empresas possam se desenvolver. Paralelamente, mostra que o mercado não regulamentado é muito vulnerável ao “rent seeking” que, por sua vez, transforma o próprio capitalismo em um “Capitalismo ersatz” (imitação de capitalismo). Para ele, finalmente, o problema não é propriamente o capitalismo, mas a situação de déficit democrático, pois é isso que gera o referido capitalismo ersatz.

Diante deste impasse teórico, algumas noções do primeiro mundo (da Europa e da Ásia) mostram que existem soluções sim, e que tudo passa pela qualidade das instituições e a qualidade do que vou chamar aqui de “fundamentos da civilidade no século XXI”, que são: educação, saúde, segurança e renda. São esses os fundamentos que reduzem o que Stiglitz e Piketty chamam de “desigualdade” ou abismo socioeconômico. A Coreia do Sul e os países escandinavos são o exemplo maior de que o impasse (Estado Liberal x Estado Intervencionista ou Keynesiano) pode ser superado.

O problema é que estamos na América Latina, e mais, estamos no Brasil, onde o que tem de pior está alojado no Estado, usando-o para benefício próprio (e só ver quanto “custa” um deplorável deputado federal!), e quando se pensa no mercado para substituir os “nobres” leptocráticos servidores do alto escalão do Estado, o que se encontra? Algo que consegue ser pior do que o que já era muito ruim e que responde pelo nome de “empreiteiras de obras públicas”, além de empreiteiras essas “empresas-excremento” se metem em todas as áreas da vida econômica e até controlam aeroportos e agroindústrias. Qualquer coisa e setor onde possam se mancomunar com os nobres burocratas corruptos (abençoados pelos legisladores mal-cheirosos!), essas “empresas-excremento” se metem e “botam a mão na grana!”.

O grande problema Tupiniquim para superação do impasse teórico (mercado ou Estado) é o “monopólio da esperteza”. A dobradinha “servidores oportunistas + empresários excremento” formam o pior do que se pode imaginar para o gestor da “res pública”, e avançam no dinheiro público com uma voracidade astronômica, gerando, entre outras coisas, uma dívida pública impagável e sempre crescente. Myrdal, que por razões óbvias não conheceu o “Casal 20” da política brasileira (Dilma-Temer), definiu algo que está na origem dos atuais problemas político-econômicos: o soft state. De uma certa forma ele previa os efeitos deletérios do soft state, mas, seguramente, não imaginava o tamanho do estrago que o casal 20 tupiniquim era capaz de fazer. Sorte nossa, pobre povo pobre, que o Pífero não faz parte, ainda, do governo federal, pois aí já estávamos na “segunda divisão”. Dizem que Dilma e Temer e Pífero vão ter vida longa, pois o diabo está com receio da concorrência quando eles lá chegarem.